Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

A CIDADE DE SÃO PAULO EM LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: uma análise de fotografias e seus contextos

Mario André Corrêa de Faria
mario.faria@edu.udesc.br

Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Professor de Geografia da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

ORCID: https://orcid.org/0009-0001-1194-1514

Ana Paula Nunes Chaves
ana.chaves@udesc.br

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5754-3001

RESUMO

As fotografias, desde a sua invenção, documentam espaços, pessoas e paisagens do nosso mundo. Suscitam, também, imaginações geográficas sobre os espaços representados através da linguagem visual nos mais variados suportes de divulgação. Nos livros didáticos de geografia, as fotografias ilustram e complementam os temas e conteúdos abordados nas escolas do país, ocupando cada vez mais espaço e centralidade no processo pedagógico. No percurso de pesquisa e análise de fotografias em livros didáticos de geografia, foi constatado uma demasiada recorrência de fotografias da cidade de São Paulo - SP. O que as fotografias e o contexto nos contam? Quais as recorrências contextuais? As imagens vão ao encontro das imaginações geográficas? Essas e outras perguntas são respondidas baseadas na análise metodológica proposta por Veronica Hollman, que analisa as fotografias a partir do contexto visual (textos, montagem e suporte das imagens). Constatou-se que a cidade está inserida em um contexto de poluição, conflitos sociais, fluxos migratórios e econômicos. O trabalho pesquisou 12 volumes de 3 coleções distintas de obras didáticas aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2020, da disciplina escolar de geografia do Ensino Fundamental dos Anos Finais. Os contextos que se reportam à São Paulo foram categorizados e analisados, possibilitando conhecer as narrativas circulantes a partir das fotografias e seus contextos. A proposta aqui não foi estabelecer o que está certo ou errado nas formas de representações imagéticas de São Paulo, mas realizar um panorama sobre o que esse recurso visual nos conta sobre São Paulo e, assim, elaborar pistas sobre a concepção das imaginações geográficas deste espaço.

PALAVRAS-CHAVE

Imagem, Análise contextual, Representação espacial, Imaginações Geográficas.

THE CITY OF SÃO PAULO IN GEOGRAPHY SCHOOLBOOKS: an analysis of its photographs and contexts

ABSTRACT

Since their invention, photographs have documented spaces, people, and landscapes of our world. They also employ visual language in various forms of media to stimulate geographical imaginations about the depicted spaces. In geography schoolbooks, photographs illustrate and complement the topics and contents taught in schools, increasingly occupying a central role in the teaching process. In the course of researching and analyzing photographs in geography schoolbooks, it was observed that there is a significant recurrence of photographs of São Paulo (Brazil). What do the photographs and the context tell us? What are the contextual recurrences? Do the images align with geographical imaginations? These and other questions are addressed based on the methodological analysis proposed by Veronica Hollman, which examines photographs within the visual context (text, arrangement, and support of the images). The research revealed that São Paulo is embedded within a multifaceted context encompassing issues such as pollution, social conflicts, migratory patterns, and economic influences. We examined a total of twelve volumes from three distinct collections of educational materials approved by the Programa Nacional do Livro Didático, specifically designed for the Geography in the final years of Elementary School. The photographs related to São Paulo were categorized and analyzed, enabling an understanding of the circulating narratives through the photographs and their contexts. The aim was not to establish what is right or wrong in the ways São Paulo is visually represented but rather to provide an overview of what this visual resource tells us about the city and, in turn, to offer insights into the conception of geographical imaginations of this space.

KEYWORDS

Image, Contextual analysis, Spatial representation, Geographical imaginations.

LA CIUDAD DE SÃO PAULO EM LIBROS ESCOLARES: un analisis de sus fotografías y contextos

RESUMEN

Desde su invención, las fotografías han servido como medio para documentar diversos aspectos de nuestro mundo: espacios, personas. Además, emplean el lenguaje visual en diferentes formas de medios para estimular nuestra imaginación geográfica acerca de los lugares que retratan. En los libros escolares de geografía, las fotografías desempeñan un papel crucial al ilustrar y complementar los temas y contenidos enseñados en las escuelas. Han asumido progresivamente un papel central en el proceso de enseñanza. Durante la investigación y análisis de fotografías en libros de geografía, se observó una notable recurrencia de fotografías de São Paulo (Brasil). Esta observación generó varias preguntas: ¿Qué nos dicen estas fotografías, junto con su contexto circundante? ¿Existen temas recurrentes en estos contextos? ¿Estas imágenes se alinean con nuestras percepciones geográficas? Para abordar estas preguntas, empleamos el análisis metodológico propuesto por Veronica Hollman, que examina las fotografías dentro de su contexto visual, incluyendo

el texto, la disposición y el soporte. La investigación reveló que São Paulo está incrustada en un contexto multifacético que abarca cuestiones como la contaminación, conflictos sociales, patrones migratorios e influencias económicas. Examinamos un total de doce volúmenes de tres colecciones distintas de materiales educativos aprobados por el Programa Nacional do Livro Didático, diseñados específicamente para la geografía en los últimos años de la Escuela Primaria. Las fotografías asociadas a São Paulo fueron categorizadas sistemáticamente y sometidas a un análisis contextual. Este enfoque nos permitió comprender las narrativas predominantes transmitidas a través de estas fotografías y los contextos más amplios en los que existen. Nuestra intención no fue emitir juicios sobre la precisión de cómo se representa visualmente a São Paulo, sino proporcionar una visión integral de lo que estos recursos visuales comunican sobre la ciudad. Al hacerlo, buscamos ofrecer perspectivas sobre la construcción de percepciones geográficas de este espacio.

PALABRAS CLAVE

Imagen, Análisis contextual, Representación espacial, Imaginarios geográficos.

Apresentação

Deparamo-nos, frequentemente, com uma imensa quantidade de imagens que nos chegam de maneira involuntária ou mesmo pelo desejo de observá-las em *outdoors*, grafites em muros, pôsteres, pinturas, televisão e outros meios de propagação. As imagens também estão presentes em nosso cotidiano quando pesquisamos espaços próximos e longínquos para nos posicionar, localizar, mover e imaginar a superfície terrestre.

Fotografias, mapas, charges, gráficos, desenhos, se encontram dispersos nos diferentes suportes de divulgação, sejam físicos (jornais, revistas, mapas e livros) e, mais recentemente, nos suportes digitais (redes sociais, *e-books*, jornais e revistas), nas mais variadas cores, tamanhos e quantidade de informações que desejam transmitir a quem os visualiza. Por vezes, as imagens podem ser consideradas mais atrativas que a linguagem textual, pois apresentam uma suposta facilidade de compreensão na retratação dos objetos do mundo. No contexto da ciência geográfica, Rose (2013) afirma que a geografia, juntamente com a antropologia, é a única ciência social que se ancora em certos tipos de visualidade para garantir sua sustentação e disseminação, utilizando as imagens como fontes de conhecimento e informação para a compreensão do espaço geográfico.

Entretanto, as imagens por si sós não são autoexplicativas. Como pondera Hollman (2014), é necessário, antes de tudo, compreender o contexto visual que as imagens estão inseridas. Para isso, é preciso relacioná-las com as palavras que as

circundam, bem como as outras imagens ao entorno e os locais em que estão publicadas, produzindo, assim, um entrelaçamento de significações e montagens. Afinal, como menciona a autora, "[...] as imagens não comunicam sozinhas" (p. 61, tradução nossa) e sua leitura e compreensão é dependente dos fatores do contexto visual.

Quando nos referimos às imagens nos espaços escolares, notamos que as mesmas ocupam corredores, salas de aula e, sobretudo, as páginas dos livros didáticos, o principal artefato escolar presente nas escolas brasileiras. Os livros didáticos, um dos materiais fundamentais de apoio no processo educativo — e, por vezes, um dos únicos recursos de consulta para alunos e professores — são referências no processo educativo, validando, disseminando e valorando os conteúdos presentes em suas páginas. Nesse material, "os livros didáticos e as imagens contidas neles também assumem um lugar de produção de significados [...] em que determinados discursos são forjados e postos em circulação" (Firmino; Martins, 2017, p. 104). Ao fazermos uso desse material, percebemos que a disciplina escolar de geografia se utiliza das imagens não apenas para ilustrar, mas também como fontes de informação e conhecimento (Tonini, 2003). As imagens nos livros didáticos de geografia são ilustrativas, informativas e até provocadoras, inundam as páginas dos conteúdos sobre globalização, geografia agrária, climatologia, biogeografia, geomorfologia, entre outros.

O conhecimento geográfico contido nas obras didáticas é explicitado e legitimado através das linguagens textuais, gráficas, cartográficas e fotográficas. O livro, por sua vez, "[...] torna as imagens mais verdadeiras e promove um olhar mais ingênuo da seleção e dos cortes envolvidos na produção de qualquer imagem" (Hollman, 2014, p. 62, tradução nossa). Assim, essas imagens possuem um caráter de validação e exercem uma função prevalente. Ao mesmo tempo que nos educam, "nos aprisionam em seus processos de sedução de nossos desejos de ver, realizam em nós diversas políticas da mirada para o mundo" (Oliveira Junior; Girardi, 2010, p. 5), produzindo significados e geografias do mundo.

Ora, se o livro possui um caráter credível, de que maneira é possível contestar e fomentar críticas para além do que está posto no interior de suas páginas? Como podemos auxiliar nossos estudantes a "pensar geograficamente" (Massey, 2017, p. 40) para além das representações imagéticas ali contidas?

Partimos do pressuposto que pensar geograficamente com e pelas imagens contribui na análise, compreensão e interpretação sobre as formas que os espaços são apresentados, exigindo, assim, que façamos reflexões sobre suas representações espaciais através das imagens e dos seus contextos, desvencilhando-se das ideias pré-concebidas

que estão em circulação e que garantem uma única forma de pensar, imaginar, se deslocar e conceber o espaço.

Sendo assim, a partir da problemática anunciada, visamos investigar e analisar a representação fotográfica e contextual do espaço geográfico da cidade de São Paulo, capital do estado homônimo, em doze livros didáticos de três coleções e volumes distintos das séries finais do Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano. A análise reuniu fotografias da capital onde a informação textual indicava a representação da cidade no seguinte conjunto de verbetes: "São Paulo (SP)", "Cidade de São Paulo" ou "município de São Paulo (SP)". Para análise dos dados, elegemos, dentre as possibilidades do campo da imagem, a exclusiva análise das fotografias, desconsiderando gráficos, mapas, desenhos e outros elementos imagéticos. Após a coleta das fotografias, organizamos as imagens que versavam sobre temas correlatos em quatro categorias de análise, sendo elas: 1) Poluído, caótico e desigual; 2) O urbano e os conflitos sociais; 3) Os fluxos migratórios e 4) A economia. Para além das fotografias, analisamos também o contexto visual no qual estão inseridas, considerando a metodologia proposta por Hollman (2014). Consideramos a montagem enquanto prisma analítico por meio da relação entre as fotografias e sua associação com as demais, os textos e paratextos, bem como a disposição da montagem nas páginas dos livros.

Faremos, de antemão, alguns questionamentos para suscitar uma reflexão inicial e respondê-las mais adiante. Quais são os padrões de visualização que imperam sobre a cidade de São Paulo nos livros didáticos analisados? Como as fotografias estão inseridas no contexto, ou seja, como se relacionam com as outras imagens e os textos que as circundam? O retrato de São Paulo, nas páginas dos livros didáticos, possui elementos em comum que são capazes de orientar a criação da subjetividade nos estudantes?

O artigo é estruturado da seguinte forma: o primeiro tópico, São Paulo representada e imaginada, discorre sobre as imaginações geográficas e como a cidade de São Paulo se inscreve nesse contexto; em seguida, apresentamos os procedimentos da pesquisa baseados na análise do contexto visual; e, por fim, discorremos sobre o contexto das imagens da cidade de São Paulo nos livros didáticos de geografia e oferecemos outras possibilidades para investigação.

São Paulo representada e imaginada

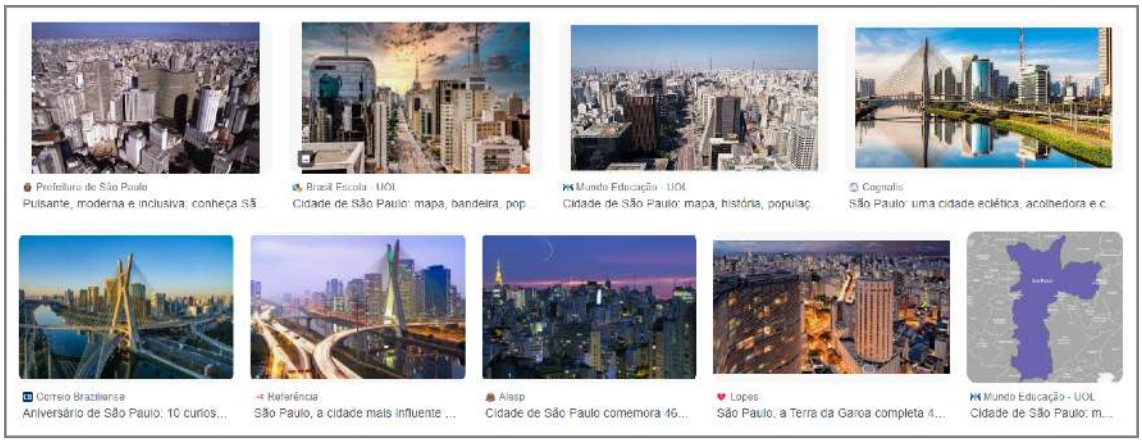
Procuramos, recebemos e propagamos diversas fotografias de espaços-outros, espaços além-mar, municípios, cidades, bairros. As fotografias suscitam em nós imaginações geográficas que compõem o nosso banco de imagens mentais. Na perspectiva da geógrafa britânica Doreen Massey, as imaginações geográficas são construídas a partir

> [...] dos nexos de poderosos conglomerados de mídia internacionais ou do imaginário persistente e implantado em conversas locais ("essa rua não é muito boa, não é tão segura quanto a nossa"). E podemos explorar, também, como tais imaginações têm efeitos poderosos sobre as nossas atitudes para com o mundo e sobre o nosso comportamento. Uma das nossas (muitas) habilidades como professores de Geografia é de mostrar a irrelevância dessas imaginações e submetê-las a interrogatório (Massey, 2017, p. 37).

As imaginações geográficas são propagadas pela cultura visual emergente através da repetição massiva de fotografias, vídeos e falas acerca dos espaços, lugares, paisagens e territórios. O processo de criação de um determinado imaginário acerca do mundo categoriza e classifica massivamente os espaços geográficos, por vezes, limitando-os e reduzindo-os a uma única forma de imaginá-los, a narrativas espaciais quase sempre únicas, hegemônicas e homogêneas.

Conforme os escritos de Massey, as imaginações geográficas possuem como uma das suas fontes de criação da subjetividade o acervo midiático. Uma das plataformas que expressam narrativas sobre um determinado espaço pode ser encontrada no *Google* Imagens, o buscador de imagens mais utilizado na atualidade (SIMILARWEB, 2024). Nesta plataforma, ao digitar o termo São Paulo (Figura 1), encontramos um modelo de cidade a ser visualizado: amontoado de prédios, luzes por todos os lugares, carros em movimento, céu cinza – provavelmente demonstrando a poluição da capital – e uma cidade que parece estar sempre em movimento. Observamos uma megacidade completamente verticalizada, com signos bem definidos.

Figura 1: Cidade de São Paulo no Google Imagens, 2024



Fonte: Google, 2024.

Contudo, o conjunto de imagens encontradas da capital paulista vai de encontro às outras realidades existentes no seu recorte urbano. São Paulo é o município brasileiro mais populoso do país com uma população de 11.451.999, de acordo com o censo demográfico do IBGE (2022). Nesse espaço citadino, insere-se um mosaico de elementos que fazem parte das estruturas urbanas e rurais, e contextos econômicos, sociais, culturais e históricos díspares que caracterizam um espaço heterogêneo. Segundo a Prefeitura Municipal de São Paulo [s.d.], um terço do seu território possui características rurais, composto por um "[...] território complexo, descontínuo, pontuado por núcleos urbanos esparsos e constituído por um mosaico de unidades de conservação, chácaras, áreas de cultivo de hortaliças, plantas ornamentais e frutas" Extra (2010). Apoiado em análises feitas a partir de dados quantitativos do IBGE, o jornal relata que aproximadamente 621 mil pessoas vivem nas zonas rurais do município e que "[...] o lado rural de São Paulo pode parecer um oásis no deserto" para aqueles que enfrentam os congestionamentos das grandes cidades.

A partir das fotografias encontradas no buscador *Google*, a paisagem urbana de São Paulo se mostra quase que exclusivamente por grandes prédios, poluição e imponentes obras arquitetônicas. Desta forma, fotografias de grandes cidades, como as de São Paulo, nos orientam no espaço geográfico e inscrevem em nossos pensamentos significações e sentidos para esses espaços, fazendo-nos carregar imagens mentais do mundo, dos países, das cidades. Ao contrário do que indica a pesquisa do IBGE, as imagens da *Internet* divulgam São Paulo e a concebem com imensos prédios e um adensamento urbano que se perdem no horizonte, o que destoa daquelas averiguações citadas no parágrafo anterior.

Ante o exposto, reunimos pesquisas que discorrem sobre os contextos fotográficos em que a cidade de São Paulo está inserida. Selecionamos, reunimos e analisamos os seguintes artigos: 1) Fotografias dizem do (nosso) mundo: educação visual no encarte Megacidades, do Jornal Estado de São Paulo, de Oliveira Júnior (2011); e 2) Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil, das autoras Callai, Cavalcanti e Castellar (2007). As pesquisas realizaram um paralelo entre as fotografias, imaginações geográficas e os suportes de divulgação das imagens fotográficas.

Oliveira Júnior (2011) faz uma análise das fotografias de grandes cidades presentes no encarte Megacidades, do jornal Estado de São Paulo, publicadas em agosto de 2008. Dentre as megacidades analisadas estão Tóquio, Nova York, Londres, Lagos, Xangai, Mumbai e São Paulo. No encarte, as fotografias aparecem a partir de uma representação dicotômica e antagônica. Londres, localizada no continente europeu, é apresentada como uma cidade destinada para os mais ricos; Lagos, por sua vez, localizada na África, possui uma representação que retrata a vida no pântano, uma vida selvagem, castigada pelas mazelas sociais e desafortunada. O contexto visual e a organização das fotografias colocam as duas cidades de forma contrastada: de um lado, a opulência; do outro, a miséria. A megacidade paulistana foi escolhida para localizar o Brasil no contexto analítico, colocando-a no mesmo patamar de "[...] Londres, Nova Iorque e Tóquio" (p. 247), cidades marcadas por representações visuais bem definidas. Os arranha-céus, a poluição visual e o espaço globalizado compõem as megacidades e destoam radicalmente de Lagos e Mumbai, definidas como subdesenvolvidas e economicamente atrasadas.

Conforme o autor, as narrativas fotográficas para as cidades consideradas pobres são mostradas através de recursos visuais em que a poluição, a sujeira e o atraso econômico são evidenciados, como se fossem dotadas apenas desses elementos. No contexto imagético encontrado no encarte Megacidades, São Paulo é evidenciada por sua forte urbanidade, pelo amontoado de prédios, "[...] uma cidade que se perde no horizonte, que domina toda a paisagem" (p. 255). Também se destaca a semelhança paisagística com a observada pelas imagens de Nova York, na América do Norte, que é retratada por prédios antigos padronizados e que possui "[...] a marca da urbanidade (dada pelo mar de prédios)" (p. 253).

Influenciado pelos escritos de Doreen Massey, Oliveira Júnior afirma que "[...] as fotografias presentes na imprensa brasileira participam da construção das ideias salientadas de espaço globalizado" (p. 249). Além da concepção de que viveríamos uma

única história retratada, a partir das ideias massificadas ao longo do tempo, como o caso das fotografias dos arranha-céus e de uma paisagem poluída que se perde no horizonte.

No que diz respeito à construção de imaginações geográficas sobre a cidade de São Paulo, Callai, Cavalcanti e Castellar (2007) realizaram uma investigação da concepção dos professores em três cidades brasileiras, Goiânia (GO), Ijuí (RS) e São Paulo (SP). No caso de São Paulo, os professores foram questionados sobre suas conceituações de lugar, cidade e os principais problemas urbanos encontrados na capital paulista. Para esse último questionamento, as pesquisadoras encontraram "[...] respostas com ênfase na cultura de senso comum" (p. 100). As respostas dos professores

> [...] destacaram em suas análises sobre o espaço urbano de São Paulo questões como: "é uma cidade com muita violência, com problemas ambientais e sociais", 'que tem falta de saneamento básico e infra-estrutura'; 'com desigualdade social'; 'com enchentes e problemas de trânsito'; 'falta de moradia e mal planejada' (p. 100).

Em relação aos problemas ambientais propriamente ditos, os professores convergiram para as questões da poluição atmosférica, a ausência de vegetação, as enchentes e a um desordenado fluxo de pessoas e veículos. As autoras relatam que nenhum ponto positivo foi citado nas respostas, apontando que as imaginações geográficas sobre o espaço paulistano são permeadas por elementos que o caracteriza como poluído, caótico e com pouca infraestrutura. As imaginações sobre a cidade de São Paulo são originadas, como sinalizam os participantes, a partir das questões desenvolvidas pelos livros didáticos, sobretudo, em temas que abordam as cidades e os problemas urbanos, explicitadas principalmente por cidades da região Sudeste, como São Paulo.

Na pesquisa analisada, a cidade de São Paulo é vista, percebida e imaginada por um contexto que a coloca como caótica, poluída, carente de vegetação e escassa ou ausente de atributos positivos. Homogeneíza-se uma cidade em torno de atributos, fazendo-os difundir através das imaginações geográficas.

À vista disso, procuramos investigar os contextos fotográficos que circulam pelos livros didáticos de geografia dos anos finais sobre a cidade. Quais as imagens os estudantes e professores que utilizam esse material recebem? Como nos dizem sobre a cidade? De que maneira exploram aspectos valorativos e desafiadores de São Paulo? Estariam alguns deles ausentes como nas pesquisas relatadas?

Fotografias e contextos: São Paulo nos livros didáticos

Hollman (2014) debate sobre a indissociabilidade das imagens, dos paratextos e dos contextos em que as imagens estão inseridas. A autora destaca que, para compreender o que nos comunicam, é necessário analisar seu contexto, compreendido pelo entorno linguístico, o suporte e a montagem das imagens. Utilizamos o roteiro metodológico proposto por Hollman através da análise dos três elementos que compõem o contexto imagético. Explicamo-los brevemente: 1) O entorno linguístico: compreendido por textos de apoio, títulos e legendas, oferecendo-nos subsídios para interpretar e reconhecer as imagens dos livros didáticos; 2) Suporte físico: o livro didático de geografia, assim como outros suportes, que nos "[...] impõe[m] certas condições na produção da imagem e no ato de vê-las" (p. 62, tradução nossa), dotado de um caráter verossímil a depender do local de publicação; 3) Montagem: a disposição das fotografias em uma página nos fornece leituras de acordo com seus posicionamentos, além de estabelecerem conexões com outras imagens presentes.

Considerando a análise metodológica a partir do contexto imagético, elegemos o livro didático de geografia como o suporte a ser investigado, pois, o compreendemos como uma das ferramentas utilizadas no processo educativo que se encontra em todas as escolas públicas brasileiras. Os livros didáticos selecionados foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), indicados no arquivo digital do Ministério da Educação (MEC), componente geografia, no Guia de Livros Didáticos relativo ao ano de 2019. A seleção considerou as obras utilizadas por pelo menos duas escolas municipais e estaduais do município de Florianópolis: "Vontade de Saber" (Torrezani, 2018), "Expedições Geográficas" (Adas, 2018) e "Araribá Mais Geografia" (Dellore, 2018). Selecionamos três distintas coleções para que a investigação não ficasse restrita à apenas uma editora, o que tornaria a pesquisa uma análise editorial. Assim, investigamos as coleções e seus respectivos volumes dos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, totalizando 12 livros. As coleções analisadas foram aquelas destinadas aos professores, o "Manual do Professor" propriamente dito, onde constam, além dos conteúdos idênticos aos dos livros dos estudantes, as respostas a exercícios propostos e caminhos para o desenvolvimento de aulas e atividades.

Após a escolha das três coleções didáticas, houve a busca, seleção e organização das fotografias e do contexto em que São Paulo estava inserido. Para tal, pesquisamos página a página as fotografias que constasse o termo município, cidade ou apenas São

Paulo (SP). Os contextos fotográficos foram agrupados em 4 diferentes categorias temáticas: 1) Poluído, caótico e desigual; 2) O urbano e os conflitos sociais; 3) Os fluxos migratórios e 4) A economia. As categorias foram criadas devido ao volume de fotografias e pelo fato de que estavam correlatas umas às outras, possuindo elementos contextuais que se relacionam entre si.

A coleta nos permitiu encontrar 70 fotografias que versam sobre São Paulo. A categoria Poluído, caótico e desigual é a que contém mais fotografias que se relacionam à temática, sendo 26 no total; 10 fotografias reportam-se ao grupo O urbano e conflitos sociais; 14 ao grupo Os fluxos migratórios e 16 fazem menção ao contexto econômico do município. Quatro fotografias não compuseram nenhuma das categorias e foram desconsideradas nesta análise: uma representava o ambiente escolar e as outras três utilizavam o Museu de Arte de São Paulo (MASP) para exemplificar a visão vertical e oblíqua na compreensão de mapas. Para esse artigo, selecionamos 4 contextos visuais (contendo 5 fotografias) como representantes das referidas categorias.

O primeiro grupo de imagens, intitulado "Poluído, caótico e desigual", constituído por 26 fotografias, abordou a problemática do trânsito, poluição dos rios, mananciais, do ar, inversão térmica e ilhas de calor. As fotografias do trânsito paulistano foram usadas para expor aos leitores os problemas urbanos não só da cidade, mas foram empregadas também para ilustrar a temática dos problemas urbanos, como averiguado na Figura 2 que traz uma fotografia do congestionamento em uma avenida da cidade.

Figura 2: Congestionamento em avenida paulistana, 2024



Fonte: Adas, 2018, p. 243.

A fotografia presente na Figura 2 é seguida da questão "você pode estabelecer alguma relação entre o uso cada vez maior de veículos automotores e a ocorrência de problemas urbanos? Explique." Nesse contexto, utilizou-se a fotografia de São Paulo como ilustração para uma problemática urbana e mundial.

Na Figura 3, a disposição das imagens se mostra de maneira antagônica e contrastante. Na composição da página, o Rio Tâmisa, em Londres, tem sua importância evidenciada na forma que a cidade se desenvolveu em torno das suas margens; por sua vez, o Rio Pinheiros, em São Paulo, é utilizado como um contraponto ao rio inglês, em que é mostrado a sua poluição devido ao descarte incorreto de lixo.

Enquanto o Rio Pinheiros é descrito como poluído, por conta da razão do descarte incorreto, o Rio Tâmisa mostra-se, à primeira vista, bem cuidado e sem padecer dos problemas que acometem o rio paulistano. A coleção, em nenhum momento informa que o Rio Tâmisa era conhecido como um rio malcheiroso, como em 1858, e que os investimentos na despoluição das águas duraram mais de 120 anos. Para professores e

alunos que não conhecem parte da história dos rios, as fotografias na página retratada indicam uma imagem de rio limpo, na Europa, e poluído, no Brasil.

Figura 3: Poluição no Rio Pinheiros, em São Paulo, 2017



A importância dos rios

Capítulo 4

Os rios sempre foram as fontes de água mais exploradas pela sociedade, seja no passado ou no presente.

O ser humano sempre procurou as margens dos rios para se fixar. Desde os tempos mais remotos até a atualidade, os rios são fontes de água para muitas sociedades, que retiram deles a água necessária para sua sobrevivência e também para a prática de diversas atividades econômicas, para a geração de energia, como via de transportes e lazer etc.

Na fotografia podemos observar Londres, capital da Inglaterra, 2015, que se desenvolveu em torno das margens do rio Tâmisa.

Esse reconhecimento nos leva a refletir sobre como a água é um recurso importante para a natureza e, principalmente, para o modo de vida praticado pela humanidade nos dias atuais.

A produção e o consumo cada vez maiores, dos mais variados tipos de produtos, envolvem também uma avançada exploração dos recursos da natureza, sendo o principal deles a água.

Desse modo, temos acompanhado a exploração desenfreada e muitas vezes a degradação de muitos rios. Podemos citar exemplos no Brasil como o rio Tietê, que sofre com a poluição proveniente da maior cidade da América Latina, e o rio São Francisco, que corta a região Nordeste e tem sido drenado para levar recursos hídricos para diversas localidades. O rio Ganges, na Índia, é intensamente poluído por dejetos domésticos, industriais e também por agrotóxicos. Na Europa, o rio Danúbio sofre com a poluição industrial e das cidades que cresceram ao seu redor.

Ainda que o uso desses recursos seja indispensável para a vida e as atividades humanas, o consumo excessivo, além do mau uso e o desperdício têm tornado essa utilização predatória no Brasil e no mundo.

Rio Pinheiros poluído em razão do descarte incorreto do lixo no município de São Paulo (SP), 2017.

123

Fonte: Torrezani, 2018, p. 123.

O segundo grupo de imagens é intitulado “O urbano e os conflitos sociais”. Essa seção engloba os contextos que estão inseridos no campo das lutas sociais ocorridas no espaço urbano, bem como a paisagem desse espaço. Nesse contexto, encontramos 14 das 70 fotografias identificadas nos volumes analisados.

Uma imensidão de prédios que se perde no horizonte; a cidade é vista como um aglomerado de ferragens, cimento e luzes são encontrados nessa categoria. Antenas no

topo dos prédios, ruas lotadas de carros, não há mais espaço para construir. É neste espaço de aglomero, sobre o asfalto e a terra, no chão de fábricas e estabelecimentos comerciais que as lutas sociais ocorrem, muda-se comportamentos, altera-se a paisagem por via das demandas sociais por melhorias. Nesse sentido, as fotografias encontradas nos livros revelam uma paisagem que é observada a partir de uma vista oblíqua (Figura 4), mostrando um mar de prédios e construções, além de assinalar a ausência de vegetação.

Figura 4: Paisagem urbana paulistana, 2017



A cidade de São Paulo engloba uma das maiores regiões metropolitanas do mundo, consequência do processo de urbanização rápido e intenso verificado no Brasil e no restante da América Latina na segunda metade do século XX. Atualmente, aproximadamente 85% dos brasileiros vivem em áreas urbanas. Acima, paisagem do espaço urbano da cidade de São Paulo (SP), 2017.

Fonte: Torrezani, 2018, p. 172.

A paisagem urbana paulistana é utilizada para definir e exemplificar o fenômeno da urbanização: dezenas de prédios, ruas e carros que se alongam para a imensidão do plano. Para a paisagem urbana, temos o aglomerado de prédios que constitui e delineia a forma do seu espaço urbano. Dessa maneira, a coleção optou por escolher a cidade mais populosa do país para ilustrar e mostrar o que é, e como é, o fenômeno da urbanização mundial.

O terceiro grupo de fotografias, "Os fluxos migratórios", relata deslocamentos de processos migratórios de grupos sociais que migraram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. A cidade de São Paulo é vista como um espaço permeado por culturas de diversas partes do mundo se confluem e se instalam em bairros

compostos, majoritariamente, por indivíduos da Bolívia, Haiti, China, Japão e Itália e como suas culturas foram incorporadas ao espaço geográfico paulistano. Uma das fotografias analisadas (Figura 5) faz menção ao Bairro da Liberdade e destaca a imigração e formação de uma colônia japonesa no município. A manifestação migratória trouxe consigo traços culturais, como arquitetura e comidas típicas que moldam o espaço urbano e sua paisagem. O texto que acompanha a fotografia também relata as dificuldades e vulnerabilidade social vivenciada por imigrantes, o desafio de aprender um novo idioma e a convivência com uma diferente cultura. As obras analisadas não fizeram menção aos migrantes e imigrantes brasileiros.

Figura 5: Fluxos migratórios em São Paulo, 2016



Fonte: Dellore, 2018, p. 59.

Por fim, o quarto grupo, intitulado "Economia", faz referência às conjunturas que abordam o desenvolvimento industrial, os setores da economia e a bolsa de valores. As fotografias evidenciam a potência econômica de São Paulo e a cidade é percebida enquanto polo econômico nacional. Em uma das fotografias analisadas, a fotografia da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, é situada ao lado de um texto que discorre sobre o setor terciário da economia que "[...] representa mais da metade do Produto Interno

Bruto (PIB) dos estados que compõem a região Sudeste" (Dellore, 2018, p. 201). Dessa forma, uma avenida da cidade composta por centros empresariais é utilizada para ilustrar e compor o texto de viés econômico.

Nos contextos analisados, a capital paulista é vista como um dos principais polos financeiros do país, com destaque para o setor secundário e terciário, e a ampla oferta de emprego nestes setores. Além disso, as fotografias destacam a presença de prédios comerciais, do tumulto, do vai-e-vem de pessoas, do acúmulo e da grande circulação de capital (Figura 6). Conforme a figura, tanto São Paulo quanto Rio de Janeiro disputam a liderança no cenário econômico do país. O livro destaca a convergência de capital financeiro para a cidade que acaba por modernizar a paisagem e a infraestrutura urbana dessas cidades.

Figura 6: Competitividade econômica em São Paulo, 2017



Fonte: Dellore, 2018, p. 39.

Considerando a leitura das fotografias e dos contextos suscitados a partir das quatro categorias de análise supracitadas, encontramos representações de São Paulo atreladas, em sua maioria, às questões ambientais, econômicas e dos fluxos migratórios.

Fotografias e textos que ora contrastam entre si, como observado na página que aborda o Rio Tâmisa e o Rio Pinheiros, ora servem de complemento para a informação abordada.

Dessa investigação, evidenciamos dois principais contextos analíticos: aqueles que se reportam à paisagem e aos fluxos migratórios. Contatamos um destaque para fotografias que versam sobre a poluição do ar, dos rios e os problemas de trânsito. As fotografias apresentam a cidade como uma espécie de expositora desses problemas, mesmo quando não se trata de um conteúdo exclusivamente de São Paulo ou da região Sudeste. Não negamos a existência dessas problemáticas urbanas e sociais, contudo, intencionamos que outras possibilidades de representações possam ser utilizadas nos livros didáticos para que essas representações fotográficas dos problemas ambientais e socioeconômicos não se restrinjam apenas a São Paulo.

Observamos uma narrativa fotográfica-contextual que se apresenta de maneira dicotômica principalmente naquelas fotografias que se reportam a distintas cidades, como observado na Figura 3. É possível perceber uma diferença marcante entre rios de diferentes cidades. Essa composição dicotômica evidencia uma construção que se assenta tanto no território quanto na divisão bipolar do mundo. Para Tonini (2003), a marcação das fotografias que se relacionam aos países ditos desenvolvidos e subdesenvolvidos se trata de uma ordem discursiva que produz uma forma de pensar e falar sobre esses espaços. Dessa maneira, as fotografias

> [...] dos livros didáticos de Geografia, ao estabelecerem o que é ser país 'desenvolvido" e "subdesenvolvido', produzem uma verdade com significados distintos para cada um, definindo as maneiras de ver e falar sobre eles. Esses significados são atribuídos seguindo uma ordem discursiva, e, nesse sentido, nos espaços escolares, esses significados tornam-se, para os alunos, elementos formadores de sentido sobre esses países (Tonini, 2003, p. 38).

Portanto, as fotografias de um mundo dito desenvolvido acabam por grafar em nosso imaginário composições baseadas no recurso da diferença, em que "[...] suas imagens estão articuladas ao lugar do errado, do mau – pobre, analfabeto, indolente, sujo, corrupto – diferente do lugar em que os estadunidenses, japoneses e a maioria dos europeus estão posicionados – rico, alfabetizado, trabalhador, limpo, correto" (p. 39). Como observado na pesquisa de Callai, Cavalcanti e Castellar (2007), as imaginações geográficas que se reportam à São Paulo dizem da cidade questões relacionadas à poluição, violência e aos problemas ambientais, elementos observados nas páginas dos livros didáticos de geografia.

No contexto dos fluxos migratórios, as populações de outras regiões brasileiras, principalmente do Nordeste, foram negligenciadas e ausentadas, não constando nos contextos analisados. A presença desta população, que auxiliou e auxilia na formação e modificação do espaço geográfico de São Paulo, se mostrou inexistente nas páginas dos livros. Sobre essas lacunas, Lenzi (2010) destaca a relação entre imagem e ausência. No contexto dos fluxos migratórios e da população nordestina que nos deparamos com algumas ausências. Para a autora, "[...] a imagem presentifica e ausenta simultaneamente, sem que isso seja paradoxal" (p. 14). Dessa forma, a imagem por si só não é capaz de mostrar uma ausência, "[...] pois não se pode mostrar o que não é demonstrável", contudo, o simples fato de a região nordestina não figurar no contexto das migrações é a expressão de uma ausência que é demarcada nas páginas dos livros analisados.

Outras possibilidades, outras formas de ver...

Renomeamos a última seção desse texto, comumente intitulada conclusão, pois, o ato de concluir influi um término, uma chegada de uma decisão sobre um respectivo assunto. Compreendemos que a discussão do visual e das imaginações geográficas ocorre de maneira incipiente, pois necessitamos sugerir outras possibilidades para representar os espaços geográficos, outros modos de ver e de se fazer visto. Outros modos de representar, pensar e imaginar as cidades que vai de encontro aos estereótipos estabelecidos no decurso da história das sociedades.

As tecnologias da contemporaneidade nos permitem acessar e divulgar nos diversos suportes, de maneira instantânea, fotografias sobre pessoas, lugares e espaços. A partir de alguns cliques em máquinas fotográficas, expomo-los ao mundo e fazemo-los circular pelos suportes (revistas, livros, jornais, internet). Por possuírem um caráter de verossimilhança, as fotografias nos fornecem visões de mundo e nos orientam a pensar, caminhar e agir sobre e pelo espaço geográfico, inspirando-nos a imaginá-lo geograficamente. Na disciplina e ciência geográfica, é averiguado um forte apelo às imagens, às visualidades. Uma visualidade que molda nosso imaginário sobre lugares, cidades, países, garantindo-lhes atributos quase sempre imutáveis e binários: limpos ou sujos; calmos ou caóticos; desenvolvidos ou não, homogeneizando espaços, territórios, lugares e pessoas.

O contexto imagético da cidade de São Paulo, investigado nos livros didáticos de geografia do Ensino Fundamental, nos impõe certas formas de imaginar a cidade. Nessa

pesquisa, constatamos que as formas de imaginar geograficamente São Paulo vai ao encontro dos problemas urbanos, ambientais, da paisagem composta por um mar de prédios e de um capital econômico que conflui para a capital paulista. Tal cenário de imagens nos faz imaginar e conceber o espaço geográfico paulistano de uma maneira única e específica. Poluição, trânsito caótico, prédios a se perder de vista são pontos de destaque presentes nos materiais analisados.

Os contextos imagéticos nos orientam a pensar a geografia, seus espaços e a maneira que os imaginamos. Já as visualidades presentes nos livros didáticos de geografia nos orientaram a pensar a cidade paulistana, com os aspectos supracitados, ignorando outras realidades que compõem o espaço geográfico paulistano. As fotografias encontradas demonstraram uma ênfase nos problemas urbanos, no trânsito, a poluição dos rios e do ar da cidade de São Paulo, mesmo que não seja mencionada nos paratextos que circundam as fotografias, tornando-a como uma expositora e exemplo ilustrativo desses problemas que atingem pequenas, médias e grandes cidades. Para os estudantes que possuem apenas o livro didático como material de consulta, as fotografias contidas em suas páginas orientam as imaginações sobre o espaço paulistano.

A problemática ambiental é um fenômeno que nós, professores de geografia, não devemos ignorar. Contudo, é preciso questionar os modos de produção e disseminação das fotografias, questionar os contextos e deslocar as subjetividades instauradas nas imaginações geográficas que, certamente, todos nós possuímos, possibilitando outras representações, outras fotografias ao diverso espaço urbano brasileiro.

A partir dessa pesquisa, que se propôs a realizar uma análise fotográfica-contextual de São Paulo, nos derivou alguns questionamentos e possibilidades a serem respondidos por futuros pesquisadores: por que os rios de São Paulo são massivamente difundidos como ícones de poluição? Como estabelecer novas fotografias para complementar os temas e conteúdos sobre poluição dos rios e da atmosfera? Por quais motivos o trânsito de São Paulo obtém mais destaque que o de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Florianópolis e outras cidades brasileiras? A cultura visual propagada em livros didáticos apresenta formas múltiplas e consideráveis para os processos pedagógicos na geografia escolar. Por isso, as fotografias, e as leituras de mundo geradas por meio de sua exposição, devem ser problematizadas e postas em análise antes de qualquer conclusão precipitada de interpretação imagética.

Referências Bibliográficas

ADAS, Melhem. **Expedições geográficas**: 6º ao 9º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama São Paulo**. 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama. Acesso em: 9 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2020:** geografia – guia de livros didáticos. Disponível em: https: //pnld.nees.ufal.br/pnld_2020/componente-curricular/pnld2020-geografia. Acesso em: 24 fev. 2023.

CALLAI, Helena Copetti; CAVALCANTI, Lana de Souza; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil. **Terra Livre**, Presidente Prudente, v. 1, n. 28, p. 91-108, 2007. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/224. Acesso em: 10 fev. 2023.

DELLORE, César Brumini. **Araribá mais geografia** (6º ao 9º ano). São Paulo: Moderna, 2018.

EXTRA. **Maior cidade do país, São Paulo tem área rural com pomares e bois pastando pelas ruas**. 2010. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/brasil/maior-cidade-do-pais-sao-paulo-tem-area-rural-com-pomares-bois-pastando-pelas-ruas-518873.html. Acesso em: 8 jul. 2024.

FIRMINO, Larissa Corrêa; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczunski. Imagens-clichês e livros didáticos: reflexões para o ensino de geografia. *In:* TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia Beatriz; SANTANA FILHO, Manoel Martins de; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczunski; COSTELLA, Roselane Zordan (org.). **O livro didático de geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 103-112.

GOOGLE. **Cidade de São Paulo**. Disponível em: https://google.com. Acesso em: 9 jul. 2024.

HOLLMAN, Veronica. Los contextos de las imagenes: un itinerario metodológico para la indagacion de lo visual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 61-83, 2014. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/18934. Acesso em: 9 jul. 2024.

LENZI, Maria Helena. **Das imagens à ausência. Das imagens, a ausência**: um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis. 2010. 117 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94559. Acesso em: 9 jul. 2024.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798. Acesso em: 9 jul. 2024.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. Fotografias dizem do (nosso) mundo: educação visual no encarte megacidades, do jornal O Estado de São Paulo. *In*: TONINI, Ivaine Maria *et al.* (org.) **O ensino de geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 245-257.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Apresentação. **Etd - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 3-8, 2010. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/881. Acesso em: 9 jul. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Zona rural**. [s. d.]. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-rural/. Acesso em: 9 jul. 2024.

ROSE, Gillian. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a geografia é "visual"? **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 197-206, 2013. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/8473. Acesso em: 9 jul. 2024.

SIMILARWEB. **Análise de participação de mercado, receita e tráfego da plataforma de busca Google**. 2024. Disponível em: https://www.similarweb.com/pt/website/google.com/#overview. Acesso em: 9 jul. 2024.

TONINI, Ivaine Maria. Imagens nos livros didáticos de geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia... **Mercator**, Fortaleza, ano 2, n. 4, p. 35-44, 2003. Disponível em: https://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/148. Acesso em: 9 jul. 2024.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber** - geografia: 6º ao 9º ano: ensino fundamental: anos finais. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

Recebido em 07 de outubro de 2023.

Aceito para publicação em 23 de julho de 2024.